

**O CANAANISMO E AS QUESTÕES IDENTITÁRIAS EM *MINOTAURO*,
DE BENJAMIN TAMMUZ**

**CANAANISM AND IDENTITY ISSUES IN *MINOTAUR*,
BY BENJAMIN TAMMUZ**

Juliana Carvalho Eliezer*

Resumo: O presente artigo busca examinar de que forma os temas do Canaanismo e das questões identitárias israelenses permeiam o texto de *Minotauro*, romance de Benjamin Tammuz publicado na década de 1980. Discute-se como o autor se vale da narrativa circular - *labiríntica* - do romance para tratar do assunto das identidades cindidas, personificado pela personagem principal, e da ideologia canaanita, pregadora de uma identidade hebraica ligada à terra e compartilhada por toda a população da área do Crescente Fértil, através do discurso de uma das personagens secundárias. A análise da personagem principal, Alex Abramov, o minotauro que dá título à obra, perpassa o mito grego mas também o mito de Barthes, em que a realidade é suscetível de deformação pelos sistemas de símbolos transmitido por cada sociedade, evidenciando peças de uma identidade construída e desmembrada, para o que o Canaanismo poderia eventualmente ser uma resposta válida.

Palavras-chave: Literatura hebraica. Benjamin Tammuz. Canaanismo. Identidade. Estudos Judaicos.

Abstract: This paper seeks to examine how the themes of Canaanism and Israeli identity permeate *Minotaur*, a novel by Benjamin Tammuz published in the 1980s. It discusses how the author uses the novel's circular - *mazelike* - narrative to address the issue of split identities, personified by the main character, and the issue of the Canaanite ideology, which defends a land-bound Hebrew identity shared by the entire population of the Fertile Crescent area, through the discourse of a secondary character. The analysis of the main character, Alex Abramov, the minotaur to which the title refers, addresses the Greek myth but also Barthes' myth, in which reality is susceptible to deformation by the systems of symbols transmitted by each society, evidencing pieces of a constructed and dismembered identity, for which Canaanism could possibly be a valid answer.

* Juliana Carvalho Eliezer é graduada em Letras, habilitações Português e Hebraico, pela FFLCH/USP. É também mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da FFLCH/USP, onde desenvolve pesquisa a respeito do ensino do Holocausto a crianças e adolescentes através da linguagem do museu. E-mail: <juliana.eliezer@usp.br>.

Keywords: Hebrew literature. Benjamin Tammuz. Canaanism. Identity. Jewish studies.

Minotauro é um romance de Benjamin Tammuz cuja primeira edição foi publicada em Israel em 1981, oito anos antes da morte de seu autor. A década de 1980, marcada pela Guerra do Líbano e pela Intifada, foi um período especialmente fecundo na literatura do Estado de Israel, dadas as flagrantes controvérsias emergidas da conjuntura política do país, resultando em escritos diretamente alusivos à realidade política, ideológica e social que, ao contrário do que poderia ter ocorrido nos anos 1960, foram agora considerados legítimos, inclusive no que diz respeito à estética, e conseqüentemente aceitos pelos críticos e pelos leitores.¹ O autor, que além de escritor e jornalista transitou pela seara da pintura e da escultura, nasceu na Rússia Soviética em 1919, tendo emigrado para a Palestina com seus pais aos cinco anos de idade - daí seu enquadramento na Primeira Geração Nativa, aquela que, em dois mil anos, fora a primeira geração de israelenses a falar a Língua Hebraica desde a infância. Tammuz, apesar de prolífico, não é um autor largamente conhecido ou publicado no Brasil, o que pode fazer com que o leitor brasileiro deixe de decodificar, em *Minotauro*, os elementos ambivalentes e ideológicos que, se demasiado perceptíveis, talvez conferissem à obra caráter um tanto quanto panfletário; entretanto, ao retornar ao tema do Canaanismo, movimento ideológico e cultural surgido nos anos 1940 na Palestina do Mandato Britânico, e de sua relação com a identidade israelense, Tammuz o faz de maneira sutil, permitindo àqueles que não estão familiarizados com o assunto a leitura do texto como algo entre história de amor e suspense policial.

Em quatro breves capítulos, cada qual concentrado em uma personagem, são narrados essencialmente os mesmos acontecimentos, sob óticas distintas, em um fluxo que muito lembra o desenvolvimento de *O Som e a Fúria*, de Faulkner. Entre as personagens, há um protagonista, cujo nome é revelado apenas no último capítulo: Alexander Abramov, que também é o “agente secreto” a que se refere o princípio do texto. Entremeiam a narrativa registros aparentemente aleatórios do diário de Abramov (estes, ao mencionarem Kafka, evidenciam o caráter propositalmente elíptico do texto), a quem o narrador por vezes se refere como “Alex”, e as cartas trocadas entre esse Alex e a jovem Téa, por quem o agente secreto desenvolve uma anônima e manipulativa obsessão, após avistá-la dentro de um ônibus em Londres no dia em que ele completa 41 anos. É este o ponto de

¹ DOMB, 1994, p. 322.

partida para a narrativa circular, *labiríntica*, em que os acontecimentos são desencadeados por um *agente*, ou seja, aquele que age; este agente, aliás, é também *secreto*, deixando de se revelar e de trazer seus verdadeiros intentos à tona, até que isto ocorra contra sua própria vontade. Assim é que, durante o percurso narrativo, pequenas pistas são deixadas para que sejam recolhidas e configuradas pelo leitor², que são também estilhaços da identidade fragmentada de Alex. Embora seja Téa o elo entre Abramov, G.R. e Nikos Trianda, não há dúvida do protagonismo de Alex, que se utiliza dos dons e ferramentas que lhe haviam sido conferidos no trabalho para manobrar os demais. O final dramático nos moldes de Romeu e Julieta, escreveu Domb, é vaticinado pela semelhança do romance entre Alex e Téa com o amor de Zeus por Europa, evocando, ao mesmo tempo, as tragédias grega e shakespeariana.³

Domb também atribui o emprego da imagem do minotauro a duas fontes: a mitologia grega, em que os mitos simbolizam características arraigadas nos seres humanos; e o desenho de Picasso, datado de 1933, em que o minotauro, híbrido de homem e touro, agoniza em uma arena, enquanto uma jovem estende a mão para tentar alcançá-lo. Ao desenvolver sua própria versão do mito do minotauro no labirinto, Tammuz explicita intenções análogas às do pintor, segundo as quais o minotauro é um distintivo da bestialidade humana e um emblema da violência atrelada à modernidade; estabelece a dicotomia entre a terra de Israel, de onde o protagonista viera, e a Europa, para onde constantemente se dirigia, sem entretanto sentir-se pertencente a nenhum deles; e constrói, ainda, uma terceira história de amor impossível, aquela entre Alex e Téa, a exemplo das histórias da jovem e do minotauro na arena, e da esposa do rei Minos e do touro de Poseidon.⁴ Alex, espelhando o mito do minotauro (o texto chega, inclusive, a compará-lo a um touro jovem) e sua ligação com a violência, evidenciada pelo Surrealismo, servira o exército israelense, mesmo após a Guerra de Independência, inclusive trabalhando com o fornecimento de peças de reposição para tanques e aviões militares. Após transferido para a Inteligência, passara a praticar a mesma violência no interrogatório de árabes, salientando em seu diário, porém, que o fazia porque era necessário, já que os árabes odiavam mortalmente os israelenses. Em contrapartida, afirma que, pela amizade de um árabe, “daria dez amigos norte-americanos, ingleses ou franceses.”⁵ O

² DOMB, 1995.

³ DOMB, 1995, p. 80 e 87.

⁴ DOMB, 1995, pp. 79-80.

⁵ TAMMUZ, 2016, p. 163.

pragmatismo ensejado pela modernidade, e não o ódio, era o que o impelia a martirizar os mesmos árabes que conhecera em sua infância, posto que haviam trabalhado na casa de seu pai, um abastado judeu russo que emigrara para a Palestina em 1921, na companhia da esposa alemã grávida. Tanto pelo exército quanto pela Inteligência, Alex necessitava viajar constantemente à Europa, tendo a oportunidade de experimentar uma realidade alternativa, que muito diferia daquela que partilhava em Israel com a esposa Léa e os filhos. Era ali que sentia, pontualmente, que haveria a possibilidade de ser salvo do labirinto identitário, imagético e musical em que se julgava preso, pelas artes de uma mulher - Téa, a moça dos cabelos cor de cobre - da mesma forma retratada na arte que ornamentava seu quarto de menino. Paradoxalmente, porém, o sofrimento oriundo de sua trajetória de vida, o contato com os problemas israelenses e a consequente dor que isso lhe causava faziam com que nem Israel e nem a Europa lhe bastassem⁶, e com que a oscilação entre esses dois lugares agravasse suas questões identitárias e de pertencimento. Tais questões encontravam-se presentes desde sua infância e juventude, quando musicistas europeus vinham apresentar-se na casa dos Abramov na Palestina, quando brigava com os colegas da escola que lhe chamavam de *gói*, ou quando estrangulava um jovem árabe que o ameaçara na academia agrícola.

As questões identitárias de Alex, com efeito, são a estratégia do autor não apenas para apresentar seu protagonista como um homem cruel e manipulador, *agente* de transformações indelévels nas vidas que o cercavam, direta e indiretamente, - as do jovem G.R., a de Nikos Trianda e a da própria Téa são as mais simbólicas, além das relativas a sua mulher e filhos - possibilitando a movimentação circular da narrativa; incorrem, também, na introdução singela porém significativa do tema do Canaanismo na obra, este que foi um movimento cultural e político do qual Tammuz era um dos expoentes. É retratado o encontro fortuito de Alexander Abramov com Nikos Trianda, personagem que, ironicamente, desenvolveria um relacionamento pessoal com Téa, a quem Alex enviara cerca de quatrocentas cartas dentro de um período de nove anos, sem jamais chegar a tocá-la; o narrador, sem evasivas, informa ao leitor de que doze anos depois, quando voltou a encontrar Nikos, lamentou não tê-lo matado com um tiro no encontro anterior. Ao contrário, Alex parecera encantado pelas ideias de Nikos, a quem deveria interrogar dada sua associação com um suposto subversivo, interessando-se contudo por suas convicções quanto à revivificação dos povos mediterrâneos e ao renascimento da antiga cultura do local. O capítulo dedicado a Nikos Trianda, alexandrino filho de gregos e acadêmico vinculado a universidades

⁶ DOMB, 1995, p. 88.

européias, ocupa-se de pontuar o quão distante essa personagem sentia-se do lugar que considerava sua casa, onde o sol de verão, de tão intenso, derretia o ar; onde confundiam-se os odores de café, cardamomo, carneiro assado e narguilé; onde as crianças judias, suas vizinhas de infância, chamavam-no em ladino para um mergulho no mar. Tanto fazia se as lembranças eram de Alexandria, onde nascera, ou de Beirute, onde morara, o importante era a recordação da voz da irmã entoando canções que mesclavam flamenco, coro de tragédias gregas, música napolitana e cantos da liturgia judaica, originadas dos marinheiros fenícios que, milhares de anos antes, zigzagueavam pelo Mar Mediterrâneo.⁷ Essa espécie de pan-mediterranismo presente no texto, evocando inclusive a deusa Astarte, funda-se no Canaanismo, alternativa radical ao Sionismo proposta por Ionatan Ratosh em 1939, portanto alguns anos antes da independência do Estado de Israel e que declinou logo após, já nos anos 1950.⁸

Analogamente ao livro fictício publicado por Nikos Trianda em *Minotauro*, que gerara pouca comoção nos meios acadêmicos, o Canaanismo não teve adesão significativa. Ao contar, no entanto, com um grande número de intelectuais - artistas, jornalistas, educadores, e outros propagadores de cultura e ideologia - entre seus adeptos, foi possível a tal movimento exercer influência na cultura local, principalmente porque se propôs a discutir aspectos vulneráveis da identidade israelense, notadamente as raízes daqueles que agora buscavam uma nação independente, dissociada da idéia de diáspora e da imagem do judeu diaspórico, porém ainda atrelada à ideia bíblica de terra prometida e às propostas de renascimento da língua hebraica.⁹ De caráter ambivalente, o Canaanismo configurou-se, ao mesmo tempo, como um complemento dialético e como antítese ao Sionismo, posicionando-se a favor da criação de uma nação hebraica - e não judaica - e atacando os judeus europeizados, acusando-os de meramente traduzir os mundos alemão e russo para que uma nova nação os assimilasse, virando as costas às próprias origens.¹⁰ O Sionismo, ideologia fundacional do Estado de Israel, guardou relação extremamente próxima com a produção literária israelense desde as primeiras gerações falantes de hebraico, mormente se considerarmos que a língua hebraica moderna e a literatura hebraica construíram-se entre si, ao mesmo tempo em que desempenharam papel primordial na fundação e consolidação desse novo

⁷ TAMMUZ, 2016, pp. 79-80.

⁸ EVRON, 1995 e KUZAR, 2001.

⁹ KUZAR, 2001.

¹⁰ EVRON, 1995.

Estado. Domb alerta para o fato de que a Literatura Hebraica Moderna surgiu, em verdade, na Europa, moldando-se de acordo com as tradições europeias, ao mesmo tempo em que bebia nas ricas fontes literárias tradicionais judaicas, tendo sido ainda, até os anos 1950, largamente influenciada pela europeização da cultura judaica e pela assimilação decorrentes da *Haskalá*.¹¹ No que concerne ao projeto de renascimento da língua hebraica, e ao caráter revivalista de tal aspiração, o Canaanismo alinhava-se ao Sionismo, pregando o mesmo retorno às origens promovido pela utilização cotidiana de uma língua que, por séculos, comportara-se como instrumento litúrgico da religião judaica.

A proposta canaanita compreendia ainda a aspiração de que toda a área do Crescente Fértil configurasse uma grande nação, eis que possuidora de cultura comum;¹² de tal sorte que o ponto de união dos israelenses, tanto entre si quanto a outros povos vizinhos, não seria uma mera identidade judaica, como queriam os Sionistas, mas antes uma identidade ligada à terra e à cultura de uma larga área do Oriente Médio, que recebeu dos canaanitas a denominação de Terra de *Kedem*¹³, onde defendiam ter havido uma antiga civilização falante da língua hebraica. Assim é que o modelo canaanita preconizava a inclusão de povos árabes nesta terra ideal: em que pese tenha a maioria dos adeptos servido em movimentos judaicos clandestinos de direita antes e durante a guerra de 1948, Kuzar aponta que eram contrários à expulsão de árabes com vistas à formação do Estado de Israel, já que isto significaria meramente a transferência dessas pessoas de uma parte da Terra de *Kedem* a outra.¹⁴ O islamismo, assim como a religião judaica, foram associados pelo Canaanismo a práticas medievais obscuras e anacrônicas, de modo que a cultura local superava em relevância quaisquer outras questões, sobretudo as trazidas da Europa. Em *Minotauro*, a ideologia canaanita se desvela aos olhos do leitor quando as crianças judias de Alexandria ou Beirute conversam em ladino com o grego Nikos Trianda, ou quando Alexander Abramov diz posicionar-se contra os árabes por questões pragmáticas sem, contudo, odiá-los.

Comentamos anteriormente sobre o caráter circular da narrativa em *Minotauro*. O encontro entre Trianda e Abramov encerra um desses círculos, não apenas por impulsionar o romance em direção a seu final trágico, mas porque configura o choque entre um ser humano consciente da própria completude e outro que se encontra dividido, estilhaçado, sem rumo, vagando entre

¹¹ DOMB, 1994.

¹² DOMB, 1995, p. 91.

¹³ No hebraico moderno, a raiz verbal ק-ד-ם encerra a idéia de anteceder, preceder.

¹⁴ KUZAR, 2001.

espaços sem reconhecer nenhum deles como seu. Malgrado a ironia de que o desejo de viajar tenha acabado por fazer com que o “canaanita” Nikos Trianda se instalasse na Europa de forma definitiva, a lembrança do lar e a ideia, talvez quimérica, da cultura una dos povos do Mediterrâneo ainda permeava seus pensamentos. Alex Abramov, o minotauro que dá título à obra, confinado em um labirinto que ele mesmo criara, divide-se entre a vida em sua terra natal e incursões ao continente europeu, nas quais ampliava as camadas de seu aprisionamento, criando, sozinho, novas histórias de amor, obsessão e morte cujas personagens não eram fictícias, mas reais. Produzira uma fixação por uma moça a quem vira em um ônibus londrino, enviara-lhe centenas de cartas, perseguira-a, até que sua obsessão (e não seu amor, diga-se) fosse correspondida. Ultrapassou limites (que ele mesmo se havia auto imposto, em suas leituras de Kleist) ao assassinar o ingênuo e edipiano jovem G.R. Arriscou-se fatalmente em encontros com pessoas perigosas que encontrara ao longo de sua carreira como espião. Sua família, com quem pouco convivia, esperava-o, entrementes. Por outro lado, Alex ainda mantinha viva a lembrança, um tanto quanto carinhosa, da oportunidade em que conhecera Nikos Trianda, e em que este lhe falara de seu mundo mediterrâneo, mesmo que após desejasse tê-lo matado. A construção intencional, por Tammuz, de uma personagem desenraizada, quer denunciar que tal ausência de raízes tem o condão de fragmentar um ser humano a ponto de que este perca a capacidade de reconhecer-se como tal, perdendo-se nas searas de seu próprio eu dividido.

Para Domb, a figura da Europa, no contexto de *Minotauro*, não representa apenas um destino de passeio, mas um cenário de contraste total com Israel, e que ali provocava reações tanto de admiração quanto de repulsa; ainda, é recorrente em Tammuz a noção de que o modo de vida escolhido pelos israelenses e as circunstâncias em que se deram a formação, consolidação e manutenção do Estado de Israel obliteraram a dimensão humana dos envolvidos, trazendo à tona sua face animal, originando criaturas metade humanas e metade bestas.¹⁵ Outro exemplo é *Concurso de Natação*, conto do autor traduzido para o português, que retrata a transformação de um laranjal idílico na Palestina em campo de batalha, e dos dois amigos que competiam, de forma equilibrada (um equilíbrio frágil, é bem verdade), na piscina do laranjal, em soldado e inimigo. Aplicado à visão de Barthes¹⁶, em que o mito é um sistema de símbolos propagado por nosso

¹⁵ DOMB, 1995, e DOMB, 1994, p. 326.

¹⁶ Em sua obra *Mitologias*, Barthes procura refletir, não sem boa dose de ironia, sobre acontecimentos da vida cotidiana francesa em meados dos anos 1950, aduzindo sua própria impaciência diante da naturalidade com que a mídia e o

contexto social, funcionando muitas vezes como deformador da realidade, fundamentando ou reprovando preceitos de acordo com o *status quo*¹⁷, o pensamento de Tammuz leva seu minotauro a atingir outra dimensão, a de homem cindido pelos discursos sustentadores do cenário israelense - não é à toa que Barthes associa a construção do mito à mídia, pilar da criação das comunidades imaginadas segundo Anderson¹⁸. Domb vai além, equiparando a cisão identitária em Alex com a falta de sentimento de pertença característica do homem moderno.¹⁹ Na mesma esteira, se é certo que a ficção israelense imediatamente anterior a 1948 foi pensada para atender às necessidades culturais e ideológicas de uma identidade em processo de consolidação - imaginada, portanto - alguns autores da geração nativa, entre eles Tammuz, emprestaram da segunda geração modos de representação anti realistas dada a desilusão crescente após a independência, quando a comunidade literária enxergava um estado burocrático assolado por enormes ondas de imigração onde deveria haver uma comunidade idealista.²⁰ Ainda evocando o mito de Barthes, a conclusão a que chegam tanto Nikos quanto Alexander é a de que não são as características físicas de um cenário que determinam o caráter de seu povo, mas antes as circunstâncias sociais e políticas que governam a vida das pessoas²¹ - não obstante sua educação europeia, tida como superior, cresceu para tornar-se um monstro, híbrido de homem e animal, destinado a sofrer e a fazer sofrer.

Referências

- ANDERSON, B. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BARTHES, R. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- DOMB, R. *Home and abroad: Israel and Europe in Hebrew fiction of the 1980s*. In: *Israel Affairs*, London, v.1 , n.2, pp. 322-333, 1994.
- DOMB, R. *Home Thoughts from Abroad: Distant Visions of Israel in Contemporary Hebrew Fiction*. Elstree: Vallentine Mitchell, 1995.

“senso comum” remodelam a realidade, tencionando classificar como óbvias questões imbuídas de abuso ideológico - a estas, o autor chamou de “mitos”, propagados de acordo com os respectivos contextos sociais.

¹⁷ BARTHES, 2001.

¹⁸ ANDERSON, 2011.

¹⁹ DOMB, 1994, p. 328.

²⁰ SHAKED, 2001, p. 95.

²¹ DOMB, 1995, p. 94.

EVRON, B. *Canaanism: Solutions and Problems*. In: EVRON, B. *Jewish State or Israeli Nation?* Bloomington: Indiana University Press, 1995.

KUZAR, R. *Two Brief Introductions to Hebrew Canaanism*. In: *Hebrew and Zionism: A Discourse Analytic Cultural Study*, Berlin, pp. 12-14; 197-202, 2001.

SHAKED, G. *Contemporary Israeli Literature and the Subject of Fiction: From Nationhood to the Self*. In: *Ideology and Jewish Identity in Israeli and American Literature*. Albany: State University of New York Press, 2001.

TAMMUZ, B. *Minotauro*. Rio de Janeiro: Rádio Londres, 2016.

TAMMUZ, B. *Concurso de Natação*. In: BEREZIN, R. (Org.). *A Geração da Terra*. São Paulo: Summus, 1983.